

O SISTEMA FAXINAL ENQUANTO FORMA DE ORGANIZAÇÃO CABOCLA: O CASO DO FAXINAL SETE SALTOS DE BAIXO EM PONTA GROSSA – PR^{1, 2}

Rodrigo Rocha Monteiro - UEPG
tkdkiller2002@yahoo.com.br

Cicilian Luiza Löwen Sahr - UEPG
cicilian@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se na análise da estrutura de povoamento do sistema faxinal, encontrado na região Centro-Sul do Paraná. Estas comunidades foram organizadas por caboclos que se instalaram na região da Mata com Araucária. Para a elaboração do trabalho foram realizadas leituras de materiais teórico-conceituais que dessem dar suporte ao entendimento da realidade das comunidades faxinalenses e como essas se organizam. Realizaram-se também saídas de campo para verificação *in loco* das estruturas e elementos que caracterizam este sistema. O resgate de história oral também foi empregado, através de entrevistas com os moradores mais antigos. A análise aprofundou-se para o caso do Faxinal Sete Saltos de Baixo no Município de Ponta Grossa - PR.

Este sistema tem sofrido intenso processo de desagregação. Num levantamento efetuado pela EMATER (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural) em 1994 existia em Ponta Grossa um total de sete comunidades organizadas através deste sistema. Outro relatório do IAP (Instituto ambiental do Paraná) de 2004 apontou para a existência de apenas um faxinal no município: o Sete Saltos de Baixo (MARQUES, 2004). Sendo assim, o estudo de sua organização e funcionamento se faz cada vez mais necessário, tanto para um melhor entendimento deste sistema, quanto para formular diretrizes para sua preservação.

Num primeiro momento sistematizou-se as varias modalidades de usos comunais do espaços no Brasil. Num segundo, buscou-se levantar as características físicas e culturais do Distrito de Itaiacoca, região onde este sistema prevaleceu no Município de Ponta Grossa. No terceiro, preocupou-se com o entendimento da estrutura de povoamento deste sistema analisando o caso da comunidade de Sete Saltos de Baixo.

1 ESTRUTURAS DE POVOAMENTO DE COMUNIDADES COM TERRAS DE USO COMUM

Há no Brasil diferentes modalidades de uso comum da terra que se encontram espalhadas por todo o território. Em cada caso desenvolveu-se uma estrutura de povoamento característica. A lógica de

¹ Este trabalho é resultado parcial de Iniciação Científica e contou com o apoio do CNPq.

² Esta pesquisa faz parte de um Projeto maior intitulado "Os faxinais enquanto forma de organização camponesa na região de Mata de Araucária do Paraná" e conta com o apoio da Fundação Araucária e do CNPq.

ocupação dessas áreas obedece, via de regra, a uma série de interesses e significados atribuídos àquelas terras comunitárias tanto pelos seus usuários, quanto pela situação econômica e política da época em que foram formadas. Entre as diferentes modalidades brasileiras de uso comum da terra estão:

a) As terras de uso comum junto ou próximas às comunidades

Esta modalidade caracteriza-se por aquelas terras de uso comum que estão relativamente próximas às propriedades privadas. Esse “campo comum” é destinado para pastagens, retirada de lenha e podem-se encontrar, ainda, algumas roças de subsistência, entre outros usos. Essa forma de uso da terra podia ser encontrada em diversos lugares do território brasileiro. Esta vasta abrangência espacial lhe atribuída uma variação de suas características físicas. A vegetação, as espécies de animais, o clima e os solos são próprios do lugar onde está instalado o “campo comum” (CAMPOS, 2000, p. 83).

O valor de uso atribuído ao espaço comunalmente utilizado vai se refletir na localização deste em relação às propriedades. Em termos gerais, pode-se dizer que o “campo comum” está localizado nos fundos da área onde se localizam as propriedades privadas. Existem também os campos de altitudes que se assemelham a esta forma, mas são encontrados em partes mais altas dos terrenos e utilizadas sazonalmente.

b) As terras de uso comum cooperativo

Esta forma de uso comum da terra surgiu mais recentemente. O primeiro “campo de uso comum cooperativo” foi cadastrado na década de 1970 no sul de Santa Catarina, em uma região que abrangia os municípios de Laguna e Tubarão. O então denominado “Campo da Eira” foi reivindicado pelo fato de que já estava sendo utilizada por moradores de comunidades vizinhas há muito tempo. Nele há o predomínio de vegetações rasteiras como gramíneas, ervas e arbustos (CAMPOS, 2000, p. 98).

c) As terras de uso comum junto aos caminhos de tropas

A sua importância para o comércio de gado foi muito grande, principalmente entre os séculos XVIII e XIX. Havia a necessidade de descanso e engorda do gado antes desse chegar ao mercado, o que levou o governo a incentivar e criar “campos de uso comum” ao longo dos caminhos que levavam aos principais centros comerciais. As áreas para pouso das tropas em trânsito tornaram-se uma exigência de tamanha importância, que o próprio governo imperial, à época, as fomentava através de leis e decretos (CAMPOS, 2000, p. 121).

d) As terras de Coqueirais, cocais, seringais e formas similares

Essas são formas que existem principalmente no Norte e Nordeste do Brasil. Nasceram da interação entre interesses de pequenos proprietários e comerciantes. Além do uso comum da terra, essa forma se caracteriza pelo compartilhamento dos bens naturais. São utilizados para a extração de frutos,

pastos de gado, entre outros usos. Há caminhos nessas áreas que servem tanto para a passagem de gado, quanto para o trânsito de pessoas de comunidades vizinhas e embrenhadas dentro dos coqueirais (CAMPOS, 2000, p. 134).

No início, essas terras eram propriedades da União, mas começaram a surgir pessoas que foram tomando suas posses, desencadeando um sentimento de pertença nas pessoas que lá residem até hoje. O intuito básico passou, com o tempo, a ser o da extração do coco para a comercialização (CAMPOS, 2000, p. 135). Esse comércio nas áreas de posse desencadeou o aparecimento de certa “indústria extrativista”, que despertou o interesse comercial na área fazendo surgir interesse na apropriação.

e) As terras de índios

Essas comunidades, segundo Andrade, se caracterizam por utilizar comunalmente a terra e os demais recursos naturais, combinando domínios privados, representados pelas lavouras familiares e pela área que circunda a casa, com domínios comuns, como palmeiras (babaçuais, buritizais, jussarais), capuzais nativos, fontes, lagoas, igarapés, açudes, reservas de palha, madeira e caça (apud CAMPOS, 2000, p. 151-152). A terra é vista como um bem comunitário que não se restringe apenas ao seu uso, mas também ao aproveitamento dos recursos naturais.

As terras de índios podem hoje serem encontradas na região de Viana no Maranhão. Seus usuários são descendentes diretos de índios e já utilizam essas terras há um longo tempo.

f) As terras de Negros

Na constituição de 1988 essas comunidades são consideradas como *remanescentes de quilombos* dos períodos de escravidão. Elas caracterizam-se pela simples ocupação de terras devolutas por famílias negras após a abolição da escravatura. As comunidades rurais negras não são exclusivas do Brasil. Pode-se encontra-las em vários locais da América onde houve um processo de escravidão. No Brasil podem ser encontradas como comunidades rurais do Norte ao Sul do país, o que influencia diretamente também na diversidade ambiental em que elas são encontradas.

Foram estabelecidas algumas regras referentes ao uso individual e coletivo das terras. Há algumas atividades de cooperação que caracterizam os trabalhos comunais, o mais comum são os mutirões, onde os moradores se reúnem para usarem a sua mão de obra de forma coletiva.

g) As terras de santo

Essa modalidade é usufruída principalmente por pequenos produtores que não são proprietários de terras. Sua origem pode variar, mas está sempre ligada ao fator religioso. Foram registradas como pertencentes a santos, onde eles aparecem nos documentos constando como donos legítimos.

Geralmente encontravam-se dentro de grandes fazendas onde se constituíam em áreas livres. Seus moradores gozavam de uma maior independência em relação aos senhores de engenho. Entretanto, isto também atendia aos interesses desse senhor, pois assim ele estava formando uma população de cativos que poderiam servir como mão-de-obra quando fosse preciso, ou a outros interesses, como por exemplo, reserva de votos (CAMPOS, 2000, p. 165).

Aqueles que se utilizam das terras podem ou não morarem nela, mas geralmente elas servem apenas para o cultivo das lavouras de subsistência. Campos (2000, p. 163-165) aponta a existência dessa modalidade em alguns locais do Brasil, como no Município de Mata Sul em Pernambuco, no Município de São Raimundo Nonato no Piauí, e em Eldorado em São Paulo, este último ligado a terras de negros que são registradas em nome de santos. Suas condições físicas são diferentes, mas há a condição comum de possibilidade e manutenção de uma agricultura de subsistência.

h) As terras de Faxinal

Consiste em uma forma de uso comum existente na Região Centro-Sul do Paraná (CHANG, 1988). Esse sistema surgiu e se consolidou no período em que a erva-mate dominava a economia da região. Os animais são criados à solta dentro do criadouro comunitário, onde também se encontram as moradias das famílias. As plantações estão localizadas nos espigões, ou seja, nas partes mais altas do terreno. O Faxinal difere das outras modalidades por se constituir em um uso comum de terras. As propriedades são particulares, mas estão dispostas ao uso comum através de laços de compásquio. Aqueles que não possuem terras dentro do Faxinal podem ter o direito de criar e morar nele mediante o pagamento com sua mão-de-obra.

2 O DISTRITO DE ITAIACOCA: MEIO FISÍCO-NATURAL E ASPECTOS CULTURAIS

A origem de seu nome vem do tupi “taya” (caladium) que significa folhas com nervuras de uma planta com raiz em forma de cará, e “cog” (roça). No processo de mutação do nome, houve a troca da consoante “g”, pela sílaba “ca”. Já o acréscimo do “i” é explicado pelo costume dos brasileiros em colocar o “i” no começo das palavras indígenas (ANDRADE, 1981).

No início, a região onde hoje se encontra o Distrito de Itaiacoca no Município de Ponta Grossa fazia parte da Sesmaria da Conceição, de responsabilidade do Capitão-Mor Pedro Taques de Almeida. Essas terras foram transformadas, com o advento da economia tropeira, em áreas de pouso de tropas. Sucedeu-se então um partilhamento e entrega dessas partes de terras a filhos, genros e outros parentes e conhecidos de Taques. Para melhor tomar conta dos locais com pousos de tropas, mais tarde houve a instalação de famílias provenientes de vários lugares, e ainda, de alguns colonos europeus.

Havia algumas minas de talco e calcário que também atraíam um contingente de pessoas para aquelas terras. Essas pessoas que chegavam iam ocupando a área e formando pequenos povoados por toda região. Verifica-se, então, que sua história está intimamente relacionada com o tropeirismo e com a atividade de mineração (LAVORATTI, 1998, p.64).

O distrito de Itaiacoca encontra-se em uma zona de transição entre o Primeiro e o Segundo Planalto Paranaense. Esta posição lhe confere a característica de possuir relevo acidentado, com encostas abruptas e topografia fortemente ondulada. O relevo dos topos apresenta, em geral, a característica de ser estreito, que mesmo apresentando-se plano, é de difícil ocupação (CRUZ, 1999, p.20).

O solo na região de Itaiacoca está vinculado à existência de diversos fatores. Sua profundidade, composição mineral, quantidade de matéria orgânica e, ainda, outros elementos, vão variar no espaço da região de acordo com a existência de condições ambientais favoráveis a cada tipo de solo em diferentes localidades do distrito.

O uso do solo se dá por atividades que mantêm lógicas e interesses diferenciados, evidenciando uma situação de conflito. A atividade agropecuária é realizada em terrenos que são impróprios para esse uso. As pastagens são de má qualidade pela falta de manejo adequado dos pastos, interferindo assim, na sua produtividade. A agricultura de subsistência é a mais expressiva, onde as principais culturas são de milho e feijão, plantados com técnicas de rotação de terras e de queimada para o preparo do solo. Nos últimos anos houve um crescimento considerável das áreas de reflorestamento, principalmente em grandes propriedades, vinculadas a grandes empresas e bancos (CRUZ, 1999, p.28).

A vegetação do distrito está intimamente ligada aos seus níveis geomorfológicos e ao seu clima. Há o predomínio de campos com capões de matas na área que se encontra no Segundo Planalto. Na porção situada ao longo da Escarpa Devoniana tem-se o aparecimento da Mata com Araucária. Já na parte situada no Primeiro Planalto há uma maior ocorrência de mata ciliar ao longo dos cursos de água, porém já praticamente inexistente nas planícies aluviais e nos vales, evidenciando a ação antrópica.

As temperaturas médias na região variam entre 17° C e 20° C. Essa variação pode ser explicada pelas características ambientais diferentes no Distrito de Itaiacoca. A Escarpa Devoniana, onde se encontra boa parte da região, funciona como bloqueio orográfico, fazendo com que a umidade em toda sua extensão seja relativamente maior que o restante do distrito.

Pode-se perceber a presença marcante do elemento caboclo na região. Esses descendem, em sua grande maioria, diretamente dos bandeirantes paulistas e da mestiçagem entre europeus, índios e tupi-guaranis (LAVORATTI, 1998, p. 70). Essa mestiçagem vai incidir, também, no porte e características físicas do elemento local. Os caboclos são resultados da mistura entre europeus e

índios, mas não são os únicos grupos sociais presentes no Distrito. É possível encontrar brancos de olhos claros, descendentes diretos de europeus. Há os mulatos que são resultado da introdução de mão de obra escrava. Encontra-se também o elemento bugre que se concentram em pequenos núcleos de povoação, e são remanescentes dos primeiros habitantes da região.

A rotina diária dos moradores esta diretamente ligada ao trabalho deles com a roça e com os animais. Ao acordar, é comum a família se reunir em torno do fogão de lenha para tomar o mate, seguido pelo café-da-manhã. Essa é uma refeição muito importante para eles, principalmente para o homem que deve sair para o trabalho com a lavoura. Para as mulheres resta o trabalho de casa e de trato dos animais.

A crença e o imaginário do caboclo são inspirados por contos e causos que são transmitidos dos mais velhos para os mais novos. É em torno do sempre aceso fogão de barro que as conversas ganham dimensão (ANDRADE, 1981). Aos mais velhos cabe a tarefa de transmitir suas histórias que são sinais de sua grande experiência de vida, e aos jovens cabe acreditar naqueles causos. Esse encontro de gerações diferentes é responsável pela preservação de suas identidades enquanto grupo.

O quadro natural da região também alimenta o imaginário das pessoas. Costuma-se dizer, por exemplo, que o guizo da cascavel serve de talismã para aquele que o possuir a fim de atrair os olhares e simpatia do sexo oposto.

Os encontros semanais realizados na capela são bastante comuns entre os moradores das comunidades. Lá são realizadas as missas ou rezas de terços e novenas. A religiosidade e a fé estão estritamente ligadas à conduta moral das pessoas. Aqueles que não comparecem nos encontros religiosos são mal vistos pelo grupo e são também rotulados como pessoas de má índole e promotores de desgraças e infortúnios.

As festas em louvor a diversos santos são organizadas pelas comunidades ou por algumas famílias como sinal de adoração. Os casamentos e namoros são geralmente iniciados e arrançados nesses eventos sociais, o que denuncia a importância da ocasião na propagação e reprodução da cultura cabocla.

O meio físico e natural característico da região associa-se ao elemento humano local promovendo uma riqueza cultural que é típica daquela gente. As possibilidades de ocupação e reprodução social são ditadas pelas paisagens que alimentam o imaginário da população, que expressam suas manifestações culturais e costumes no espaço e que tornam a região como única dentro do contexto do município de Ponta Grossa.

Segundo Pereira (2002), a parte oriental do município está organizada por três bacias: do Rio Conceição, do Rio Sete Saltos e do Rio Caçador. A região representa o reduto mais forte da cultura cabocla e de faxinais do município. Sete Saltos de Baixo, por exemplo, é ainda um faxinal com aproximadamente 50 unidades domésticas, que preserva muitos elementos tradicionais. É o único dentro do município de Ponta Grossa que continua com todos os seus elementos funcionando.

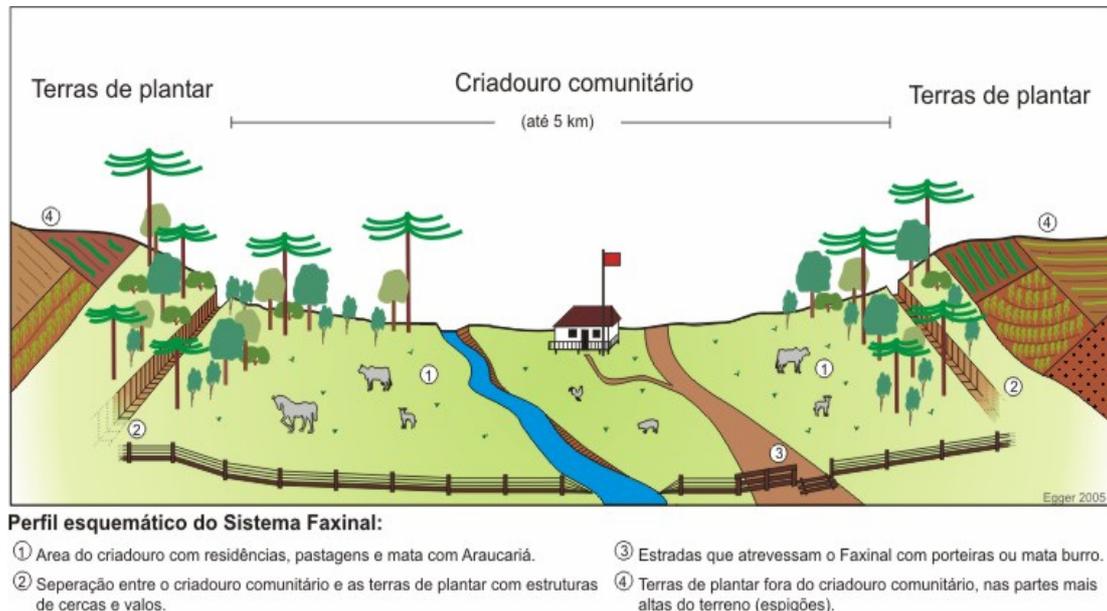
As comunidades do Rio Caçador têm o mesmo padrão cultural das do Rio Sete Saltos. Tratam-se de faxinais antigos. Os Faxinais Caçador dos Casimiros e Caçador dos Gonçalves já estão transformados em propriedades particulares. Mesmo assim estas comunidades mantêm as tradições caboclas e a agricultura familiar de subsistência.

3 O FAXINAL SETE SALTOS DE BAIXO E A SUA ESTRUTURA DE POVOAMENTO

O Sistema Faxinal, como anteriormente exemplificado, é uma organização social típica das comunidades caboclas do Paraná Central. Teve na extração da erva-mate o seu elemento organizador do espaço comunitário. Para Nerone (2000), as reduções jesuíticas, organizadas pelos jesuítas espanhóis com a finalidade de preação dos índios, também se caracterizam por práticas comunitárias. Para a autora, na Península Ibérica, na Europa, buscava-se o melhor aproveitamento dos recursos naturais através do uso comunal. Assim, os caboclos, descendentes diretos dos índios, migraram para as regiões de Mata com Araucária do Paraná, onde transportaram a maneira de vida desempenhada por eles, agora dentro de um contexto econômico que lhes era favorável.

O Sistema Faxinal possuiu uma maneira única de se organizar dentro do terreno acidentado característico desta região (Fig. 1). O criadouro comunitário, que é a estrutura chave destas comunidades, está localizado nos platôs, ou seja, nas partes mais baixas do terreno. Estas áreas possibilitam a permanência de espécies nativas da Mata, pois estas são de grande utilidade tanto para as atividades extrativas quanto para as criações. As terras de plantar, por sua vez, estão assentadas nos espigões, nas partes mais altas do terreno. Localizam-se entre a rede de drenagem que convergem para o rio principal, no seu vale. Estão nas imediações do criadouro comunitário, mais ou menos perto das casas de seus utilizadores. Alguns camponeses precisam andar quilômetros para chegar a sua plantação de maneira que, quando é época de trabalho intenso, é comum estes permanecerem lá o dia inteiro, e até por vários dias.

Fig. 1
PERFIL ESQUEMÁTICO DO SISTEMA FAXINAL



ORG.: EGGER (2005)

A comunidade faxinalense de Sete Saltos de Baixo está organizada dentro desse molde e, ainda, é um remanescente frente à tendência geral de desagregação dos Faxinais. Segundo Löwen Sahr e Iegelski (2003), o Faxinal Sete Saltos de Baixo possui ainda elementos tradicionais marcantes. É possível encontrar ainda preservados os três elementos que são: o Criadouro Coletivo ou Potreiro, as Terras de Plantar, e as Cercas e Valos.

O Potreiro conta hoje com uma área de aproximadamente 200 alqueires, mas já contou com cerca de 250 alqueires (LÖWEN SAHR e IEGELSKI, 2003). As propriedades dentro deste criadouro são contínuas e privadas, o que não impede o uso comum. Até mesmo aqueles que não possuem terras dentro dessa área são beneficiados por terem seu direito de criação de animais em troca da sua mão-de-obra, oferecida aos proprietários. No Potreiro são criados mulas, bois, cabritos, ovelhas, porcos crioulos, galinhas e galinhas de angola. As moradias também se localizam dentro do Potreiro.

As Terras de Plantar deste Faxinal localizam-se também nas partes mais altas e acidentadas do terreno. Estão divididas entre áreas de cultivo, de roças, onde se faz a plantação, e áreas de macega com arbustos rasteiros, que esperam para receberem os cultivos futuramente. Isto é possível pelo sistema produtivo adotado, de Rotação de Terras. Nestas áreas são principalmente cultivados produtos como o feijão e o milho dentro de uma lógica de subsistência. O feijão serve principalmente para o consumo das famílias, e o milho para a complementação da dieta dos animais. Algumas poucas famílias cultivam ainda batata e mandioca em quantidades menores.

As Cercas e os Valos são talvez os elementos mais importantes da ordenação da lógica de ocupação e manutenção da comunidade. Elas servem de separação entre o Criadouro Comunitário e as Terras de Plantar. Precisam de constante manutenção para garantir que os animais não invadam as plantações e as estraguem. Entre a Cerca e as Terras de Plantar deixa-se uma faixa de 15 metros de mata, denominada pelos faxinalenses de “restinga”. Ela serve para impedir a visão dos animais, principalmente do porco, que se assim o fizerem acabarão conseguindo passar para o outro lado. As estadas são fechadas com porteiras e mata-burros que servem para impedir a passagem dos animais. Quando alguém passa pelas porteiras é preciso fechá-las. O aumento do tráfego nas estradas do Faxinal acaba por prejudicá-lo, tornando mais difícil o respeito a esta estrutura organizacional.

Cury (1995) estabelece três níveis geomorfológicos de acordo com o uso do solo na comunidade. Para ele, as principais culturas (milho, feijão, e a batata) se encontram nos dois primeiros níveis. Já os animais e as casas (criadouro) estão assim no último nível, no terceiro. Percebe-se que ele estabeleceu o seu primeiro nível nas partes mais altas do terreno (Terras de plantar) e o último, o terceiro, no vale que corresponde a áreas mais baixas de moradia e criação dos animais.

A comunidade faxinalense de Sete Saltos de Baixo é composta de 55 famílias nucleadas que descendem de duas grandes famílias. São elas os Mota (Família Timóteo Ferreira) e os Maia (Família Ferreira de Freitas). Os indivíduos são conhecidos pelos seus pré-nomes somados aos apelidos das famílias. Assim, fica evidente a identidade deles para com as suas raízes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da estrutura de povoamento do sistema faxinal, tomando como base o caso do Faxinal Sete Saltos de Baixo em Ponta Grossa, permite a conclusão de que esta forma de organização social cabocla é única. Os seus elementos são resultados de adaptação do modo de vida ao terreno, tirando desse o maior proveito possível.

As residências se localizam junto com a área de criação de animais, no vale, no caso o rio Sete Saltos. Esta área possibilita a criação de animais à solta, que procuram na Mata a sua alimentação, mas também recebem complementos diários para sua dieta. É dentro do criadouro também que se pode encontrar a erva-mate que era explorada pelos moradores. Margeando o Criadouro, nas partes mais elevadas, se encontram as terras de plantar com roças familiares de subsistência. Ordenando todo este sistema aparecem as cercas e os valos que precisam de constante manutenção para impedir a entrada de animais nas lavouras.

Outro aspecto interessante quanto ao sistema faxinal é que este se constitui em uma modalidade de uso coletivo de terras. Seus utilizadores são proprietários/posseiros de suas áreas, mas através de laços de solidariedade (compáscuo) dispõe estas terras ao uso comum.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. M. **Itaiacoca**: Pesquisa de cultura popular. Rio de Janeiro: SESC, 1981.
- CAMPOS, N. J. **Terras de uso comum no Brasil**: um estudo de suas diferentes formas. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – FFLCH – Universidade de São Paulo.
- CHANG, M. Y. **Sistema faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. (Boletim técnico, 22).
- CRUZ, G. C. F. **Impactos Ambientais em Itaiacoca – Ponta Grossa – Paraná**. Presidente Prudente, 1999. 110p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista.
- EMATER. **Levantamento preliminar dos Faxinais do Estado do Paraná**. 1994.
- CURY, B. **Projeto Itaiacoca**. Plano integrado de ações para o desenvolvimento sustentável de sistemas de produção, no município de Ponta Grossa – Paraná. Ponta Grossa: IAP/PMPG/EMATER, 1995.
- LAVORATTI, C. **A produção familiar enquanto unidade organizacional**: estratégias de reprodução dos agricultores de itaiacoca – Ponta Grossa/PR. Curitiba, 1998. 162p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná.
- LÖWEN SAHR, C. L. ; IEGELSKI, F. **O Sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa**: diretrizes para preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. Ponta Grossa, 2003. 108p (Relatório Técnico) – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.
- MARQUES, C. L. G. **Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no estado do Paraná**. Guarapuava, 2004. 192 p. (Relatório Técnico) – Instituto Ambiental do Paraná.
- NERONE, M. M. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal**: Rebouças – 1950-1997. Assis, 2000. 286p Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.
- PEREIRA, M. A. M. (Coord.) **Plano Diretor de Turismo de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: PMPG, 2002.